

Analistas questionam estratégia para a renda

DA REPORTAGEM LOCAL

A atual estratégia do governo de distribuir mais dinheiro aos mais pobres via programas sociais e benefícios previdenciários é considerada "preocupante" e de "fôlego curto" por analistas de várias tendências.

De qualquer modo, não se espera que o governo tenha o mesmo espaço, a partir de 2007, para continuar sustentando aumentos sucessivos na renda dos pobres como hoje.

Este ano eleitoral marca o fim de um ciclo de forte aumento do número de famílias incluídas no Bolsa-Família.

Recentemente, o governo anunciou ter atingido a totalidade de pessoas abaixo da linha da pobreza (mais de 11,1 milhões de famílias, que receberão R\$ 8,5 bilhões). Ou seja, o número de novos beneficiados pelo programa daqui em diante tende a ser marginal.

Também é bastante improvável, além de arriscado do ponto de vista do equilíbrio fiscal, que um eventual segundo governo Lula repita a dose de 32,2% de aumento real (acima da inflação) para o salário mínimo. O mínimo é a principal referência para a correção de milhões de benefícios considerados assistenciais pagos pela Previdência Social.

No ano, o déficit da Previdência atinge R\$ 16 bilhões, 17,5% acima do acumulado no mesmo período de 2005. Até dezembro, pode ir a R\$ 46 bilhões.

Os efeitos positivos da queda da inflação também deixarão de existir se a taxa ficar estável nos 4,5% esperados. Por fim, os limites do crédito e do endividamento estariam próximos.

"Fogo de palha"

"A política atual não cria um cenário de crescimento sustentável. É fogo de palha", afirma Sergio Vale, economista da consultoria MB Associados.

Para a pesquisadora Renata Bichir, do Cebrap, "a questão fundamental" é o emprego. "É isso que faz a diferença e que permite a possibilidade da manutenção e melhora dos níveis de renda."

Especialista em emprego e salários, Márcio Pochmann, da Unicamp e ex-secretário do Trabalho da gestão petista de Marta Suplicy em São Paulo, questiona até o "modelo econômico" das atuais políticas do governo Lula.

"Cerca de 90% das vagas de emprego formal abertas nos últimos anos são para rendimentos de só até dois salários mínimos. Já a rotatividade anual da mão-de-obra é de 42%, com as empresas fechando vagas melhores para abrir piores", diz.

Na sua opinião, o modelo atual não sustenta níveis de crescimento mais ambiciosos e leva a uma dualidade entre "pobres e ricos". "No Nordeste, a classe média está desaparecendo", afirma Pochmann. (FCZ)



É isso [o emprego] que faz a diferença e que permite a possibilidade da manutenção e melhora dos níveis de renda

RENATA BICHIR
pesquisadora do Cebrap

JANIO DE FREITAS

O colunista está em férias

» ROSÂNGELA SOUZA SANTOS, 35, CLASSE C

A família deixou o aluguel para construir a casa própria numa área des-campada de Cidade Tiradentes. Com mais trabalho na carpintaria, o marido comprou um fusca e pôs duas das quatro filhas em escola particular. A casa tem duas televisões e um aparelho de DVD.



» ALINE DE CÁSSIA, 32, CLASSE D

A costureira desempregada tem quatro filhos e recebe benefícios de R\$ 180 dos governos federal e municipal. Com o dinheiro, paga as contas e faz compras. Arroz e carne nunca faltam à mesa, diz. Às vezes, compra creme para os cabelos dos filhos. Brinquedos, quase nunca.

